

O som direto como elemento composicional sonoro no cinema paraibano: contribuições para a escuta estética

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: composição e Sonologia

Breno Felipe Lima de Sousa
UFPB
breno.fsousa@ufpe.br

Anderson Flávio Barbosa Pereira
UFPE
anderson.flavio@ufpe.br

Cleisson de Castro Melo
UFCG
cleisson.castro@professor.ufcg.edu.br

Resumo. Este trabalho investiga o som direto como elemento composicional sonoro no cinema contemporâneo, com foco em produções paraibanas. A pesquisa parte da hipótese de que o som captado em tempo real pode desempenhar funções estéticas e narrativas autônomas, ultrapassando sua concepção tradicional como simples registro técnico. O objetivo é analisar como produtores locais têm mobilizado o som direto como linguagem sensível, contribuindo para a construção de atmosferas, significados e experiências sonoras no audiovisual. Metodologicamente, adota-se uma abordagem interpretativa, articulando revisão bibliográfica, escuta atenta e análise fílmica. O referencial teórico baseia-se em autores como Michel Chion, R. Murray Schafer, Brandon LaBelle, Walter Murch e David Sonnenschein, cujas contribuições ajudam a compreender as potências narrativas, espaciais e sensoriais do som. A análise de filmes como *Majestic Hotel* (2018), *ap. 210* (2013), *A Alma das Ruas* (2013), *Curió* (2023) e *O Hóspede* (2018) revela o uso inventivo do som direto e de ruídos ambientes como estratégias na construção estética, com destaque para a valorização das ambiências reais, das falas espontâneas e dos silêncios capturados durante as filmagens. Conclui-se que o som direto, ao ser apropriado de forma criativa, adquire um papel composicional que desloca as fronteiras entre música, ruído e narrativa audiovisual. A pesquisa reafirma a pertinência da escuta como ferramenta crítica e propõe o olhar do campo da sonologia para abarcar formas sonoras não convencionais, reforçando o diálogo entre som, imagem e experiência estética no cinema.

Palavras-chave. Som Direto, Estética Sonora, Sonologia, Cinema Paraibano, Experiência Auditiva.



Direct sound as a compositional sonic element in paraiban cinema: Contributions to the aesthetic listening

Abstract. This paper investigates direct sound as a compositional sonic element in contemporary cinema, focusing on film productions from Paraíba, Brazil. The research is based on the hypothesis that sound captured in real time can play autonomous aesthetic and narrative roles, going beyond its traditional conception as a mere technical record. The aim is to analyze how local filmmakers have employed direct sound as a sensitive language, contributing to the construction of atmospheres, meanings, and sonic experiences in audiovisual works. Methodologically, the study adopts an interpretive approach, combining literature review, close listening, and film analysis. The theoretical framework draws on authors such as Michel Chion, R. Murray Schafer, Brandon LaBelle, Walter Murch, and David Sonnenschein, whose contributions help understand the narrative, spatial, and sensory potentials of sound. The analysis of films such as *Majestic Hotel* (2018), *ap. 210* (2013), *A Alma das Ruas* (2013), *Curió* (2023) and *O Hóspede* (2018) reveals the inventive use of direct sound and environmental noise as central strategies in aesthetic construction, highlighting the value of real ambiances, spontaneous speech, and on-location silences. It is concluded that, when creatively appropriated, direct sound assumes a compositional role that blurs the boundaries between music, noise, and audiovisual narrative. The research reaffirms the relevance of listening as a critical tool and proposes the expansion of sonology to embrace unconventional sound forms, strengthening the dialogue between sound, image, and aesthetic experience in cinema.

Keywords. Direct Sound, Sound Aesthetics, Systematic Sonology, Paraíba's Cinema, Auditory Experience.

Introdução

O som direto, compreendido como o áudio captado simultaneamente às imagens durante a gravação de um filme, tem sido tradicionalmente visto como um elemento técnico ou documental no cinema. Contudo, nas últimas décadas, autores como Chion (2011), Costa (2008) e LaBelle (2010) vêm destacando seu potencial expressivo e composicional, sobretudo em obras que ultrapassam as fronteiras entre som, música e ruídos. A escuta estética do som direto revela suas qualidades narrativas, sensoriais e simbólicas, configurando-se como um componente decisivo para a experiência audiovisual.

Nos últimos anos, as produções na Paraíba têm passado por um processo notável de expansão e valorização, resultado direto de políticas públicas de fomento, como a implementação da Lei Paulo Gustavo. Segundo reportagem publicada pelo jornal A União (2023), o ano de 2024 prometeu ser histórico para o setor audiovisual do estado, com a previsão de produção de pelo menos 14 longas-metragens, além de centenas de curtas-metragens,



videoclipes e séries. Esse cenário expressa não apenas o fortalecimento da cadeia produtiva local, mas também a diversificação estética e temática das obras realizadas. Nesse contexto de efervescência criativa, torna-se ainda mais relevante examinar como elementos específicos, como o som direto, têm sido mobilizados nas produções paraibanas contemporâneas, especialmente em curtas realizados com baixo orçamento e ampla circulação digital.

Este artigo propõe investigar o modo como o som direto é mobilizado como elemento na composição sonora nas produções audiovisuais contemporâneas da Paraíba, tomando como objeto de análise uma seleção de curtas-metragens produzidos entre 2013 e 2023, de fácil acesso ao público e gratuito no YouTube¹. A escolha dessas obras levou em consideração não apenas sua disponibilidade, mas também o fato de terem sido realizadas com baixo orçamento, muitas vezes sem estrutura de foley² ou dublagem³. Tal condição orçamentária, longe de ser um limitador, amplia as possibilidades criativas do som direto, permitindo que ruídos ambientes, falas espontâneas, ambiências reais e silêncios capturados em locação assumam papel central na composição sonora.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem interpretativa, com base em análise fílmica, escuta atenta e revisão bibliográfica. A reflexão articula autores dos estudos sonoros e do cinema, como Schafer (2001), Iazzetta (2009), Chion (2011) e Garcia (2014), na tentativa de compreender o som direto não apenas como registro, mas como gesto criativo, gerador de significados e campo de escuta.

¹ Plataforma digital de compartilhamento de vídeos, amplamente utilizada para distribuição, ensino, entretenimento e divulgação de conteúdo audiovisual.

² Técnica de gravação de efeitos sonoros sincronizados com a imagem, geralmente realizada em estúdio, para reforçar a expressividade e o realismo das ações no filme.

³ Processo de substituição da faixa original de diálogos por vozes gravadas posteriormente, geralmente em outro idioma ou para correções e ajustes na pós-produção sonora.



Som direto e sua estética sonora

Mesmo quando não editado ou manipulado, esse tipo de captação já carrega uma série de decisões técnicas e estéticas. A escolha do tipo de microfone, seu posicionamento, as características acústicas do ambiente e a direção da gravação definem diferentes realidades sonoras. Como aponta Michel Chion, “não escutamos com microfones” (CHION, 2005, p. 109), evidenciando que o próprio dispositivo de captação transforma a escuta e, consequentemente, interfere na recepção e no sentido do que é ouvido.

Essa perspectiva encontra ressonância na teoria do objeto sonoro (CHION, 2011), segundo a qual qualquer som pode ser tratado como matéria musical, desde que ouvido de forma desvinculada de sua causa. A escuta, assim, se torna reduzida: não buscamos mais identificar de onde vem o som, mas nos detemos em suas qualidades internas, timbre, textura, densidade. Nesse modelo, a simples gravação em locação, mesmo sem intervenção posterior, é por si só um gesto composicional, pois envolve escolhas que afetam diretamente a construção narrativa e sensorial da obra audiovisual, e refletindo sobre a escuta tecnologicamente mediada. Os dispositivos técnicos, como os microfones e gravadores, filtram e modelam nossa percepção sonora, alterando a maneira como experimentamos o mundo auditivo. Isso é particularmente relevante no contexto audiovisual, em que a escuta do espectador é moldada pelas decisões de quem realiza a captura do áudio em cena, revelando o potencial expressivo dessas materialidades sonoras registradas em tempo real. LaBelle aprofunda essa ideia ao propor o som como elemento performativo e espacial, afirmando que ele constroi relações afetivas com o espaço e com o corpo do ouvinte (LABELLE, 2010, p. 14). As texturas acústicas gravadas no set de filmagem, neste caso, instauram presenças, ambiências e afetos, por isso, devem ser compreendidas como parte integrante da composição audiovisual, e não como simples documentação.

No mesmo caminho, R. Murray Schafer observa que “quando o silêncio precede o som, a antecipação nervosa o torna mais vibrante” (SCHAFER, 2001, p. 355). O silêncio, assim como os ruídos e os sons ambientes, deve ser compreendido como parte integrante da paisagem sonora, capaz de contribuir para a construção dramática e poética do filme. Tais elementos, muitas vezes oriundos do próprio registro acústico realizado durante a filmagem, atuam como forças expressivas que moldam a escuta do espectador e amplificam a experiência estética. No



campo da edição e mixagem sonora, Walter Murch destaca que os cortes e transições de som afetam mais profundamente o público do que os cortes visuais, uma vez que os ouvidos, ao contrário dos olhos, “não piscam” (MURCH, 2004, p. 62). Essa afirmação reforça a importância das ambiências captadas no momento da filmagem como elementos de continuidade ou interrupção narrativa, com impacto direto na experiência emocional do público.

Portanto, o som direto, longe de ser uma mera captação objetiva da realidade, revela-se como um campo profundamente atravessado por escolhas estéticas e técnicas que moldam a escuta e a experiência audiovisual. A partir das contribuições de Chion (2011), LaBelle (2010), Schafer (2001) e Murch (2004), compreendemos que a gravação em locação não apenas documenta o ambiente sonoro, mas também participa ativamente da construção narrativa, afetiva e espacial das obras audiovisuais. O gesto de gravar é, assim, um gesto composicional, no qual o silêncio, o ruído e a ambiência não são resíduos sonoros, mas elementos expressivos que ampliam o potencial poético do cinema. Reconhecer o som direto como parte integrante da composição estética é essencial para uma escuta crítica e para uma abordagem sensível às materialidades sonoras e às formas de escuta mediadas tecnologicamente.

Análise dos filmes paraibanos

Ao abordar os curtas-metragens paraibanos contemporâneos, propomos uma escuta atenta à forma como o som direto é mobilizado em suas composições audiovisuais. Inspirados na proposta de análise fílmica de Vanoye e Goliot-Lété (2002), partimos do conceito de ponto de escuta, questionando de onde se ouve aquilo que se ouve, e se essa escuta é coerente ou dissociada do ponto de vista visual proposto pela narrativa. Tal abordagem nos permite distinguir os sons objetivos, vinculados a uma fonte concreta no espaço diegético⁴. E os sons subjetivos, aqueles que remetem à escuta interna ou sensorial de um personagem. Assim, a análise das paisagens sonoras, das ambiências e dos ruídos captados em campo torna-se fundamental para compreender os modos como o cinema paraibano recente constrói atmosferas, subjetividades e experiências sensoriais por meio do som.

⁴ Diz respeito aos elementos que pertencem ao universo narrativo do filme, ou seja, que podem ser percebidos pelos personagens, como sons, músicas ou objetos inseridos na cena.



Alguns curtas-metragens já evidenciam, em sua construção, o potencial composicional do som captado diretamente durante as filmagens. O curta "Majestic Hotel" (2018), realizado em Campina Grande, narra a trajetória entrelaçada de um homem misterioso e uma jovem que tenta escapar do passado, e suas questões se relacionam. O filme foi premiado no Festival Comunicurtas da UEPB com o troféu de melhor trilha Sonora, destacando-se pelo uso expressivo da trilha e pela integração dos sons diegéticos à narrativa, revelando a força sensível da paisagem sonora como componente dramático. O curta "ap. 210" (2013), de Renato Barbosa e Jonathan de Queiroz, por sua vez, radicaliza essa proposta ao eliminar completamente a música tradicional, construindo toda sua atmosfera a partir dos ruídos obtidos durante a gravação. Esses exemplos demonstram como o cinema paraibano contemporâneo tem explorado, de maneira criativa e inventiva, o som direto e seus derivados como linguagem estética autônoma.

O curta "A Alma das Ruas" (2013), dirigido por Jaime dos Santos Guimarães e realizado pela Universidade Estadual da Paraíba, constitui um exemplo da utilização criativa do som captado diretamente como elemento composicional e narrativo. Inspirado na obra do cronista João do Rio, o documentário investiga poeticamente a alma das ruas centrais de Campina Grande acompanhando o fluxo das pessoas e os vínculos que se estabelecem no cotidiano urbano. Uma das estratégias sonoras centrais da produção está na incorporação das falas espontâneas das pessoas captadas durante as filmagens. Essas vozes, que não são entrevistas formais nem diálogos encenados, se sobrepõem às imagens da cidade em movimento, criando uma camada sonora autêntica que tensiona o real e o poético. A justaposição entre a narração literária e os fragmentos de conversas e expressões do cotidiano reforça a escuta como prática sensível, ampliando a percepção do espectador sobre a cidade e seus habitantes. Assim, "A Alma das Ruas" exemplifica como os sons gravados em tempo real, em especial a voz comum, não roteirizada, podem ser fundamentais na construção de atmosferas e significados no cinema documental, fortalecendo os vínculos entre som direto, composição sonora e experiência estética.

O curta-metragem "O Hóspede" (2018), dirigido por Ramon Porto Mota, é um exemplo notável de como o cinema paraibano tem explorado criativamente a interseção entre trilha sonora e ruídos para construir atmosferas densas e envolventes. Inserido no gênero do terror, o filme se destaca por uma abordagem sonora que não apenas acompanha, mas



protagoniza a narrativa. A trilha musical, ora sutil, ora dissonante, se entrelaça com os sons ambientes e ruídos captados de forma a instaurar uma constante tensão auditiva. Rangidos, respirações, estalos e silêncios cuidadosamente orquestrados se combinam à música para provocar inquietação e sugerir presenças invisíveis. Essa fusão entre trilha e ruído evidencia uma estética do medo construída pelo som, alinhando-se às propostas da música eletroacústica.

O curta-metragem *Curió* (2023), dirigido por Laudivam Freitas e produzido na cidade de Monteiro (PB), é um exemplo representativo da produção audiovisual independente paraibana contemporânea, que alia baixo custo orçamentário a soluções criativas de linguagem. Com roteiro do próprio diretor, trilha sonora composta em parceria com Jorge Andrade e produção da Companhia Violarte, o filme narra, em tom de comédia romântica, a história de amor entre Curió e Sivirina, explorando temas como desigualdade social, protagonismo feminino e as transformações culturais no Nordeste do século XXI. Desde os primeiros minutos, a construção sonora do curta chama atenção pela integração entre sons ambientes captados em locação, como o som dos animais e ruídos da paisagem rural, e a trilha musical original, que dialoga com esses sons de maneira complementar. Essa ambientação acústica aproxima o espectador do cenário sertanejo onde a narrativa se desenvolve, ao mesmo tempo em que reforça a afetividade e a poética do enredo. A escolha por valorizar sons diretos da natureza e do cotidiano, em sinergia com a música, contribui para uma experiência sensorial envolvente, em que o som se torna um vetor importante na construção de significados e atmosferas.

No contexto das produções paraibanas, essas questões ganham contornos ainda mais significativos. Produções audiovisuais locais, muitas vezes realizadas com recursos independentes ou com recursos de editais voltados para produções culturais do estado, exploram de forma criativa o uso do som registrado em campo como ferramenta estética. Nesses filmes, o ambiente acústico natural, os ruídos urbanos ou rurais, as falas não dubladas e os silêncios capturados em locação tornam-se elementos centrais da construção narrativa e sensível. Ao analisar essas práticas sob o viés da sonologia, é possível ampliar o escopo do campo, incorporando sons não organizados convencionalmente como música, mas que participam, de forma sensível e estruturante, da criação artística audiovisual.

Esses exemplos do cinema paraibano contemporâneo evidenciam como o som direto tem sido explorado de forma inventiva e expressiva, não apenas como registro técnico, mas como recurso estético capaz de protagonizar a construção narrativa. Em diferentes gêneros e



propostas, da ficção ao documentário, do drama ao terror, os sons captados em locação, com suas ambiências, ruídos e vozes espontâneas, tornam-se elementos estruturantes da experiência do público. Ao integrar escutas do cotidiano, ambientes sonoros reais e texturas acústicas locais, o cinema paraibano tenciona convenções e propõe uma estética sonora profundamente enraizada em sua materialidade e territorialidade.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam a importância do som direto como um componente ativo e criativo na construção estética do audiovisual contemporâneo, especialmente em produções paraibanas. Ao contrário de uma visão tradicional que o trata como mero registro técnico a ser posteriormente substituído, o som captado em tempo real se revela aqui como matéria expressiva, carregada de intenções composicionais e de sentidos poéticos. A partir da escuta mediada por dispositivos técnicos, como microfones e gravadores, emerge uma nova relação com o som: não apenas como elemento coadjuvante da imagem, mas como protagonista na criação de atmosferas, sensações e narrativas.

Autores como Michel Chion, R. Murray Schafer, Brandon LaBelle e Walter Murch fornecem bases teóricas que ajudam a compreender essa virada epistemológica na abordagem do som. A noção de escuta reduzida, proposta por Pierre Schaeffer (1966), convida a uma percepção mais sensível e atenta às qualidades internas dos sons, sua textura, ritmo, densidade e espacialidade, deslocando o foco da identificação causal para a experiência auditiva em si. Já Schafer contribui ao destacar a potência expressiva dos sons ambientes e do silêncio como partes integrantes da paisagem sonora e da dramaturgia do filme. LaBelle, por sua vez, amplia a compreensão do som como elemento performativo e relacional, que estrutura o espaço e mobiliza afetos, enquanto Murch ressalta a força narrativa do som no cinema, lembrando que os ouvidos estão sempre receptivos à continuidade e à disrupção sonora.

Essas reflexões encontram ressonância concreta nas práticas cinematográficas paraibanas analisadas. Curtas como *Majestic Hotel*, *Curió*, *ap. 210*, *O Hóspede* e o documentário *A Alma das Ruas* demonstram como diferentes estratégias de captação e montagem sonora podem transformar o som direto em elemento composicional sonoro essencial. Em alguns casos, como em *ap. 210*, o som gravado em campo constitui praticamente



toda a trilha sonora, substituindo o uso tradicional da música e explorando ruídos, silêncios e ambiências como protagonistas da narrativa. Em outros, como em *O Hóspede*, há uma fusão entre trilha musical e sons ambientes que intensifica a atmosfera e constrói experiências sensoriais de terror e desconforto. Já *A Alma das Ruas* propõe uma escuta poética da cidade a partir das vozes reais captadas no cotidiano urbano, utilizando o som direto como ferramenta documental e estética, capaz de tensionar os limites entre realidade e ficção.

Nesse cenário, torna-se evidente que o som direto pode ser compreendido como forma de composição, capaz de atuar de maneira autônoma na criação de significados e atmosferas. Essa abordagem amplia o escopo da sonologia ao incluir sons não organizados tradicionalmente como “música” (ruídos, falas espontâneas, silêncios e ambiências) como parte do fenômeno sonoro no contexto audiovisual. Além disso, evidencia a relevância da escuta crítica e sensível como ferramenta de análise estética e como forma de produção artística. Ao observar como cineastas paraibanos têm mobilizado esses recursos em suas obras, constata-se não apenas a vitalidade criativa do cinema local, mas também a pertinência de investigações interdisciplinares entre música, som e imagem no campo das artes.

Assim, este trabalho reafirma o potencial do som direto como linguagem estética sonora, cuja força reside não apenas na fidelidade ao real, mas na sua capacidade de compor, sugerir, evocar e transformar a experiência sensorial do espectador. Trata-se de uma escuta expandida, que desloca fronteiras e propõe novos modos de sentir, narrar e compor, e trazendo novas perspectivas do som no cinema.



Referências

- ALVES, Bernardo Marquez. **Trilha sonora: o cinema e seus sons**. *Revista Novos Olhares*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 90–94, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/issue/view/4575/226>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- CHION, Michel. **Música: médias et technologie**. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1997.
- _____. **L’audio-vision: son et image au cinéma**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2005.
- _____. **A audiovisão: som e imagem no cinema**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.
- COSTA, Fernando Moraes da. **O som no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- COSTA, Fernando Moraes da. **Os caminhos dos usos dos silêncios (ou a lembrança que não passa de John Cage)**. *Revista Ciberlegenda – Estação Transmídia*, Rio de Janeiro, n. 24, 2011. Disponível em: <http://www.proppi.uff.br/ciberlegenda/os-caminhos-dos-usos-dos-sil%C3%A2ncios>. Acesso em: 26 jul. 2011.
- GARCIA, Demian. **O som no cinema e a música concreta**. *Revista Científica/FAP Curitiba*, Curitiba, v. 10, p. 135–146, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/736/418>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- IAZZETTA, Fernando. **Música e mediação tecnológica**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2009.
- LABELLE, Brandon. **Acoustic territories: sound culture and everyday life**. New York: Continuum, 2010.
- MANZANO, Luiz Adelmo Fernandes. **Som-imagem no cinema: a experiência alemã de Fritz Lang**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2003.
- MURCH, Walter. **Num piscar de olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- PEREIRA, Kira; MIRANDA, Suzana Reck. **Tão longe é aqui e a música dos ruídos: aproximações teóricas sobre aspectos do som no cinema contemporâneo**. *REBECA – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, v. 5, n. 1, p. 170–188, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://rebeca.emnuvens.com.br/1/article/view/265/200>. Acesso em: 8 abr. 2025.
- SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SHUN, Lawrence Rocha. **O áudio não-linear na hipermídia**. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.



SONNENSCHN, David. **Sound design: the expressive power of music, voice, and sound effects in cinema**. California: Michael Wiese Productions, 2001.

SOUZA, João Batista Gomes de. **Procedimentos de trabalho na captação de som direto nos longas-metragens brasileiros Contra todos e Antônia: a técnica e o espaço criativo**. 2010. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução de Maria Appenzel. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

A UNIÃO. **2024: Um ano histórico para o cinema da Paraíba**. *Jornal A União*, João Pessoa, 18 dez. 2023. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/2024-2013-um-ano-historico-para-o-cinema-da-paraiba. Acesso em: 27 jul. 2025.

FILMES

A ALMA DAS RUAS. Direção: Jaime dos Santos Guimarães. Campina Grande: Canal Futura, 2013. Documentário. <https://www.youtube.com/watch?v=HSr0LovhRN8>

AP. 210. Direção: Renato Barbosa; Jonathan de Queiroz. Campina Grande: Produção independente, 2013. Curta-metragem. <https://www.youtube.com/watch?v=rJsZi72knOQ>

CURIÓ. Direção: Laudivam Freitas. Monteiro: Companhia Violarte; I3 Filmes, 2023. Curta-metragem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2UnnGBjcbal>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MAJESTIC HOTEL. Direção: [NOME DO DIRETOR NÃO IDENTIFICADO]. Campina Grande: Produção independente, 2018. Curta-metragem. <https://www.youtube.com/watch?v=EsBo8orWUdE&t=350s>

O HÓSPEDE. Direção: Ramon Porto Mota. João Pessoa: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2016. Curta-metragem. <https://www.youtube.com/watch?v=VhXaZfg0-II>

